

REFLEXÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO REMOTO: do planejamento à prática pedagógica virtual

Aleandra da Paiva Nepomuceno¹

Aurinete Alves Nogueira²

Francisca Regiane Sabino de Sousa³

Karla Kamille Costa de Oliveira Fonteles⁴

Michelly Matos Araújo⁵

Eixo temático 10: Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas

Resumo

Este artigo visa delinear a trajetória do ensino remoto emergencial e refletir sobre os desafios das professoras para mediar a alfabetização das crianças do 2º ano das séries iniciais do ensino fundamental. Os autores que fundamentaram este escrito foram Libâneo (2006) e Soares (2020), além de documentos como a Política Nacional de Alfabetização (PNA). A pesquisa, de natureza qualitativa, apresenta o relato de experiência das professoras alfabetizadoras na rede pública municipal de ensino de Fortaleza no período de março de 2020 ao primeiro semestre do ano vigente. Compõem o relato as reflexões acerca do planejamento das ações pedagógicas no contexto de isolamento social, as estratégias didáticas para a alfabetização a distância e os resultados obtidos com o ensino remoto. Serviram de instrumentos de pesquisa: os diários de campo das docentes, as mensagens trocadas por aplicativos digitais, os portfólios de atividades e as rodas de conversa entre as alfabetizadoras. Intuímos o efeito reflexivo a partir das indagações e possíveis heranças deixadas pelas práticas inovadoras das professoras e o recrudescimento da cultura digital no processo de alfabetização das crianças.

Palavras-chaves: Alfabetização; Ensino remoto; Práticas Pedagógicas; Planejamento.

Introdução

¹Especialista em Alfabetização de Crianças pela UECE. Professora da Prefeitura Municipal de Fortaleza - SME. Contato: aleandranepomuceno@gmail.com

²Especialista em gestão educacional pela UNI7. Professora da Prefeitura Municipal de Fortaleza - SME. Contato: aurineteanogueira@gmail.com

³Especialista em Alfabetização e Letramento pela UNESA. Professora da Prefeitura Municipal de Fortaleza - SME. Contato: regianesabinos@gmail.com

⁴Especialista em Gestão Escolar pela FAC. Professora da Prefeitura Municipal de Fortaleza - SME. Contato: kamilleldp2009@gmail.com

⁵Mestranda em Educação e Ciências pela UNIJUÍ. Professora da Prefeitura Municipal de Pentecoste - SME. Contato: mychellymatos28@gmail.com

A alfabetização é o cerne dos diálogos entre estudiosos (MORAIS, 2012; SMOLKA, 2012; SOARES, 2018, 2020) e também tem sido aprofundada, cotidianamente, pelos professores, que assim como nós, atuam nas séries iniciais do ensino fundamental.

As reflexões em torno do processo de aquisição da leitura e da escrita se tornaram ainda mais pertinentes durante a pandemia da Covid-19, com a inserção abrupta de crianças e docentes nas salas virtuais de aprendizagem, a partir do Decreto n.º 33.510, do Governo do Estado do Ceará, do Parecer n.º 05/2020, do Conselho Nacional de Educação, e da Resolução n.º 022/2020, do Conselho Municipal de Educação, de Fortaleza, com as disposições sobre o isolamento social e a suspensão das aulas presenciais.

Considerando a importância do planejamento das estratégias didáticas, bem como do papel mediador do docente para a consolidação da alfabetização, refletimos sobre o que fazer diante desse contexto pandêmico e quais etapas orientam o fazer pedagógico.

Para tanto, apresentaremos relatos das nossas vivências nesse período ímpar, em que cada uma de nós, autoras deste artigo, vivenciou de uma maneira díspar. No entanto, alguns pontos nos uniram diante de todo esse cenário em que precisamos atuar com protagonismo para responder às responsabilidades do nosso ofício. Podemos perceber que o foco era manter uma qualidade na educação das crianças, visto que o momento já exigia de todos nós uma maior resiliência diante do medo que foi instaurado por conta da presença do vírus em todo o mundo. Com as crianças não foi diferente, as famílias dos nossos alunos precisaram se adaptar a um novo modelo de ensino e ficar mais próximas da educação dos filhos, assumindo um papel de “educadores caseiros”. Outro fator que merece destaque é a exclusão digital que o contexto pandêmico evidenciou. Muitos alunos não participaram das atividades por não estarem inseridos numa cultura digital, na qual aparelhos tecnológicos e acesso à rede de *internet* são imprescindíveis para tal inserção.

Os desafios das vivências nas aulas remotas mudavam a cada período. Inicialmente, precisamos aprender a lidar com as tecnologias e aplicativos, escolher como manteríamos o contato com as crianças e chamar as famílias para essa nova parceria. Seriam aulas síncronas? Todas as crianças teriam condições de conectividade? Até esse novo desenho de aula se desenvolver, perpassaram muitas angústias, inseguranças e incertezas. Os afazeres domésticos e as atividades da escola se misturavam facilmente.

Diante de tudo que está sendo vivido, podemos afirmar que um dos grandes aprendizados dessa época na educação é que descobrimos que não existe um modelo único de educar? O afeto e o estímulo, tão significativos no aprendizado e agora realizados de forma assíncrona, são importantes e efetivos como o *olho no olho* e o abraço apertado? Que opções tivemos diante dessa realidade?

A palavra do momento é “reinventar”, não tivemos outra opção, precisamos todos nos adaptar, renovar, superar.

1 Ser professora em um contexto de isolamento social

Em mais de um ano de pandemia, uma enormidade de transformações na rotina escolar alterou desde o ambiente até às estratégias didáticas dos professores em todos os níveis de ensino. Diante desse contexto, mediar a aprendizagem das crianças se tornou um desafio ainda mais complexo e dinâmico. Como organizar as aulas remotamente e introduzir as tecnologias digitais na práxis? Quais as dificuldades e possibilidades para a alfabetização durante o isolamento social?

É comum a importância do planejamento como ponto de partida para as ações pedagógicas. Mas, como planejar diante do distanciamento social, sem o aparato de recursos das instituições e do convívio diário com os demais professores e alunos?

Na organização do planejamento, consideramos o interesse das crianças, bem como seus conhecimentos prévios. O ponto de partida para o trabalho pedagógico são elas. Mas, diante do contexto limitado que a pandemia nos impôs, buscamos repensar as ações, considerando, agora, essa nova perspectiva.

Para Libâneo (2006, p. 222), o planejamento interfere na organização de todas as ações da escola e orienta tanto a prática docente quanto o aprendizado das crianças: "O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social".

A reflexão sobre quais os prejuízos da mediação feita pela família para as crianças que estão em um processo complexo e com suas nuances, a alfabetização, deve ser contínuo e fazer parte do planejamento. Tem sido um grande desafio articular um planejamento com as competências socioemocionais e cognitivas. É até contraditório falar de competências emocionais quando não temos a real dimensão do alcance das interações feitas pelo professor nesse período.

Muitas vezes, pensamos e repensamos formas de alcançar os pais, orientando-os sobre como deve ser feita a mediação para que o objetivo pedagógico seja alcançado. Ainda nos perguntamos quais habilidades priorizar durante o período remoto. Temos buscado estratégias que nos aproximem dos alunos para compreender e conhecer como ele tem se desenvolvido e, a partir daí, traçarmos um plano que o alcance dentro de suas fragilidades e potencialidades.

A utilização de ferramentas síncronas têm feito parte desse processo e tem nos auxiliado amenizando o distanciamento físico. A parceria das famílias no auxílio do uso do

celular para acompanhar de forma *on-line* as aulas e a presença no grupo de *WhatsApp* foi um diferencial durante esse período. Nesses momentos, Buscamos interagir com as crianças para que elas se expressem e apresentem suas habilidades. Novas competências foram desenvolvidas: o respeito ao turno da fala, processo desafiador para muitos deles que estavam em um novo espaço de aprendizagem que exigia novas posturas e maneiras diferentes de interagir.

Foi, e ainda é, desafiador compreender o que os alunos precisam desenvolver durante o período de aulas remotas. Devemos atentar para as competências emocionais e as cognitivas? Fortalecer os vínculos entre escola e família, professor e aluno? Acreditamos que o trabalho com as competências cognitivas desafia o professor alfabetizador. Estamos propondo atividades voltadas para alfabetização, de maneira remota. Mas quem fará a mediação? Como trabalhar com as crianças na forma remota? Como proporcionar experiências de aprendizagem sem ter a oportunidade de troca entre os pares adultos e crianças? Será que as famílias conseguirão propor isso às crianças? Deverão elas fazer o papel de mediadores da aprendizagem?

Diante de tantos questionamentos que nos fizemos no primeiro momento, veio a realidade desafiadora de ir para a prática, de forma remota, com o uso das tecnologias digitais como suporte no auxílio das aulas. Perceber o decorrer das aulas com o uso dos aplicativos favorecia o encantamento, porém, sempre a preocupação com o pedagógico em ofertar às crianças a aprendizagem com qualidade, mesmo com um tempo menor das aulas presenciais.

Enquanto profissional, fizemo-nos várias reflexões, questionamo-nos se estávamos realmente aplicando o ensino remoto nas turmas ou realizando apenas um acompanhamento remoto, visto que, no início da pandemia, era tudo incerto e novo, e todos os profissionais, sejam os técnicos da Secretaria Municipal de Educação, os coordenadores pedagógicos e professores, estavam tentando buscar estratégias de aprendizagem para desenvolver algo que atendesse a educação. Não sabíamos se estávamos acertando, o objetivo era não deixar as crianças desassistidas.

Havia, também, aquele grupo de crianças cujas famílias não apareciam na escola, não tinham telefone e o único contato acontecia quando era distribuído o kit de alimentação escolar, dia em que eles compareciam e aproveitávamos para realizar a entrega das atividades impressas. Isso nos deixava inquietas, porque sabíamos que o ensino remoto não estava acontecendo e essas crianças estavam, provavelmente, desassistidas na sua aprendizagem. Dessa forma, o que fazer? Para esses, alunos não havia interação, porque não tinha o acompanhamento feito pelo professor.

Buscando amenizar essa situação, passei a ministrar momentos *on-line* com a turma. Primeiro, marquei uma reunião virtual com os pais, falei da

importância do ensino remoto e acordei um horário diariamente que iria chamá-los pelo aplicativo *meet* para interagir com a crianças. Expliquei o passo a passo de como baixar o aplicativo no celular e pedi a parceria deles para que as crianças acompanhassem o momento pedagógico *on-line*. Apesar de alguns entraves, como, por exemplo, a mãe do aluno está no seu trabalho no horário da aula, o alcance das crianças foi acima de 60%, e isso, como profissional, me deixava feliz, pois, diante das adversidades, o vínculo estava se fortalecendo (DIÁRIO DE CAMPO, PROFESSORA 5, DO 2ª ANO).

Toda essa realidade compromete o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Fácil não está sendo para nós professores, tampouco para as crianças e, principalmente, para os seus responsáveis. É um desafio diário que temos na elaboração das aulas. Procuramos recomeçar todo um processo de conscientização, competências sociais, emocionais e empatia, e que, apesar de tudo, continuamos a caminhada com persistência, amor, compromisso, subindo as escadas das adversidades na esperança de dias melhores.

2 Fundamentação teórica

As discussões sobre alfabetização e letramento ganham destaque em um momento em que pesam sobre a mesma uma Política Nacional de Alfabetização (PNA), a qual desconsidera estudos e pesquisas de teóricos do campo da alfabetização e letramento, amplamente estudados e difundidos por estados e municípios de todo o país. Assim, consideramos a alfabetização sob a perspectiva de Magda Soares (2020, p. 27), como o processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos e habilidades - necessárias para a prática da leitura e da escrita. E ainda, letramento como capacidades de uso da escrita para se inserir nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita [...].

É fundamental destacar que já vivíamos um período de avanços educacionais significativos no que se refere às políticas de alfabetização, e romper com esses avanços, desconsiderando avaliações e dados colhidos, significa requerer um outro recomeço.

Aliada a essas discussões, nossa realidade diante do contexto pandêmico exige, mais uma vez, um outro olhar para o processo de alfabetização. Tecnologias, aplicativos, celular, *ring light* e tempo, tempo para digerir a quantidade de informações que tivemos que acessar para conseguir viabilizar tão complexo processo em meio ao caos que se estabeleceu mundialmente. Relembramos a situação de precarização do trabalho docente que já vivenciamos antes da pandemia, com excesso de trabalho e condições adequadas para sua realização.

A precariedade no trabalho é uma face da precariedade generalizada da vida no capitalismo, acirrada pela lógica neoliberal e, agora, neofacista. No cotidiano docente, falta também tempo, condições, recursos e experiências

de fruição, de lazer e descanso, de formação cultural (TIRIBA; CIAVATTA; RAMOS, 2021, p. 23).

É notório e já referenciado em artigos científicos, como da Revista Novamérica (2021), que o peso do trabalho remoto ficou muito maior para as mulheres, o que evidencia a diferença de funções que é atribuída aos gêneros. Dessa forma, onde fica a igualdade de direitos entre homens e mulheres? Sobre isso, Santo (2020, p. 15) pontua: “As mulheres. A quarentena será particularmente difícil para as mulheres e, nalguns casos, pode mesmo ser perigosa. As mulheres são consideradas «as cuidadoras do mundo», dominam na prestação de cuidados dentro e fora das famílias”.

3 Metodologia

O presente estudo é um relato de experiência das cinco docentes-autoras da rede pública municipal do Ceará, baseado na vivência durante o ensino remoto. Buscamos, diante dos diálogos e reflexões, apresentar nossas descobertas, dificuldades, avanços, medos e superações. Evidenciar o notável e singular contexto pandêmico vivenciado por cada uma de nós que atua em diferentes escolas e até em diferentes municípios do Ceará. A partir do olhar de cada uma para o momento presente, teceremos considerações e importantes abordagens. A perspectiva metodológica qualitativa, por meio do relato de experiências, suas narrativas e questionamentos, serviram como premissa para a escrita deste artigo.

4 Resultados e Discussão

Em meados de 2020, fomos acometidos pela pandemia da Covid-19. Precisávamos repensar, em tempo hábil, em como não perder o vínculo com as crianças. A princípio, as atividades impressas e orientações aos pais até poderiam ser úteis, mas, a longo prazo, isso não satisfazia os anseios docentes.

Nesse sentido, o aprendizado dos pares foi condição fundamental para que pudéssemos romper a barreira do medo, muito embora, para alguns, o medo e a resistência às tecnologias tenham demorado um pouco mais, para outros, a superação foi concebível.

Se, para os docentes, a tarefa não foi simples, quiçá para os pais, pois estes não tinham o conhecimento pedagógico necessário à tarefa de ensinar. Mas, acompanhamos, nesse processo, o rompimento de algumas barreiras atitudinais, como sugere o relato:

Tia eu tenho uma sugestão, eu gostaria que as reuniões de pais continuassem pelo aplicativo(Meet) porque assim facilita muito a vida da gente. A gente consegue ter um maior número de pais, até elas mesmas perceberam isso. Porque a gente consegue se organizar na nossa casa e às

vezes a gente não tem com quem deixar nossos filhos e aqui a gente consegue tá aqui, continuam em casa. Até mesmo os pais passaram por esse momento, alguns resistiram, outros estão se adaptando e agora estão gostando desse novo formato (DIÁRIO DE CAMPO, PROFESSORA 4, DO 2ª ANO).

Depreende-se do relato que, em meio aos desafios da docência no ensino remoto, os pais também precisaram se adaptar e, provavelmente, passarão por um processo de adaptação, como revela a fala da docente. Contudo, temos um processo de aproximação de algumas famílias, favorecido pelo uso dos aplicativos de mensagens.

5 Considerações Finais

Vivemos em um país marcado pelas desigualdades de direitos e de recursos. Uma questão ficou evidenciada, o processo de exclusão de algumas crianças ficou evidente. É fato que a escola já é excludente em alguns aspectos e na pandemia essa questão ficou ainda mais exposta, como: falta de condições de acessibilidade ou crianças com alguma deficiência que as impediam de participar das aulas remotas. A pandemia não afetou todas as áreas da sociedades de forma democrática, pelo contrário, os grupos mais vulneráveis foram os mais prejudicados. Sabemos que as famílias dos nossos alunos foram afetadas de forma severa.

Acreditamos, dessa forma, que esse contexto difícil que vivenciamos vai servir para construir um outro mundo possível e muito melhor, onde o ser seja mais valorizado que o ter. A reinvenção da escola e a necessidade de nos recriar para acompanhar as mudanças que aconteceram e que podem continuar fazendo parte da realidade das escolas se torna imprescindível. É Possível que o espaço virtual continue sendo bem utilizado e a relação família-escola continue sendo revitalizada para ampliar, cada vez mais, esse ambiente de diálogo. Espero que a educação do futuro seja menos excludente e mais pautada na dialogicidade e no respeito às individualidades de cada criança.

Fica a pergunta que suscita outras possibilidades de pesquisa: as tecnologias e estratégias utilizadas durante o período remoto serão incorporadas pelos docentes no retorno ao modo presencial?

Referências

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2006.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

REVISTA NOVAMÉRICA. **Pandemia**: que educação? n.º 169, jan. mar./2021. Disponível em: <http://www.novamerica.org.br/ong/>. Acesso em: 08 jun. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2019.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

TIRIBA, L.; SANTOS, G. B.; ROCHA, G. L. Trabalho remoto, saúde docente e resistências coletivas em contexto pandêmico: a experiência de docentes da rede particular de educação. *In*: MAGALHÃES, J; FRIGOTTO, G. AFFONSO, C. (org.). **Trabalho docente sob fogo cruzado**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2021.